

UM OLHAR OUTRO

São muitas as considerações possíveis sobre o tema da eutanásia. O que prova a sua complexidade e a exigência de honestidade dialogante no seu tratamento.

A questão torna-se mais acutilante se pensarmos que se trata de assunto a que ninguém pode ficar indiferente. E a verdade é que os pronunciamentos são tão diversos e, ao mesmo tempo, indicadores de que nos sentimos «in-vadidos» por aqueles que, ao pronunciarem-se, inevitavelmente nos tocam. E até nos ferem porque se trata de tomar decisões sobre a minha vida, a vida de cada um.

Complexo que é, o tema exige formação ética, compreensão alargada do sentido da vida pessoal e do lugar de cada ser humano na sociedade. Implica o passado, o presente e o futuro. É «totalitário», no sentido da sua abrangência e das repercussões no futuro da vida em sociedade. Poderemos sentir-nos seguros diante da possibilidade de alguém dispor da minha vida quando esta não corresponder a critérios, mais subjectivos que objectivos, que me garantam o direito a viver?

É, no entanto, como ser humano crente que me envolvo neste tema, mais um, dito fraturante que uma esquerda radical e barulhenta «impõe» como prioridade. Um pouco de surpresa e pela calada porquanto omissa nos programas partidários quando nos pedem o nosso voto. Barulhenta quanto baste para tentar tornar inaudíveis os argumentos da sabedoria e da prudência. Sabemos que o barulho não faz bem e o bem não faz barulho. E não são os gritos ruidosos a fonte da razoabilidade.

Considero desfaçatez ridícula e grave considerar «progresso» ou «avanço civilizacional» seguir por uma via que «acaba com o doente e não com o sofrimento do doente», este, sim, a merecer todo o cuidado para ser debelado não só com o tratamento médico – hoje felizmente capaz de uma resposta que dignifica a classe médica e a ciência, a bem da Humanidade – mas também com a presença afectiva, que colmata uma das fontes de sofrimento mais inquestionáveis como é a solidão de quem sofre. Daí se falar, cada vez mais, nos cuidados paliativos, a que todos deveriam ter acesso. Caros, claro e daí a solução fácil de acabar com o doente de modo discreto e rápido, sempre mais economicista. Só que... os doentes... tu e eu não somos números, como lembra o Papa Francisco.

Ser progressista não será, antes, avaliar os resultados do que foi legalizado noutros países e, reconhecidos os excessos, bem documentados e testemunhados, não enveredar pelos mesmos erros? Não é verdade que as «boas intenções» dos que, noutros países, se bateram por tal «progressismo» se revelaram mesmo enganosas e, na prática, geradoras de terríveis injustiças e encargos de consciência insanáveis?

Que as religiões se unam contra a tentativa de legalizar a eutanásia não pode surpreender ninguém. Mas não terão elas o direito/dever de intervir? Calar-se não seria covardia intolerável? Ou não é precisamente a salvação do ser humano no seu todo que as religiões visam nas suas propostas? Quem, afinal, tem direito de cidadania, de pronunciamento, nesta nossa sociedade portuguesa dita democrática? TODOS, certamente. Porquê então tanto medo em promover um referendo para que todos se pronunciem?

É admirável o investimento público na área da saúde. E reconhecemo-lo insuficiente. Como é admirável a dedicação de tantos – médicos, enfermeiros, pessoal auxiliar – todos ao serviço de uma vida que se possa dizer digna de um ser humano. Só que toda esta maravilha de Humanidade corre o risco de ser destruída – e com ela o conforto pessoal de um fazer o bem ao outro, ao mais frágil, que nos enriquece como pessoas – pelo gesto mais simples e mais covarde de um medicamento que, sob a justificação de pôr fim ao sofrimento, destrói a vida daquele que sofre.

Dizer que se trata de um acto a pedido do próprio implicaria a honestidade de perceber as razões mais profundas pelas quais surge o pedido. O que implicaria tempo e dedicação. O que conflitua com a nossa cultura do imediato e da autonomia que se deseja absoluto. Como se fôssemos senhores da vida que, desde a primeira percepção, se nos apresenta como dom de outrem. Seja da parte dos pais, seja de Deus, na óptica do crente.

É consolador ver como se levantam tantas vozes da sociedade a exigirem um referendo. Mesmo que a vida não seja referendável, o referendo, isto é o dar a voz aos portugueses, impõe-se como necessário para contrapor ao acto abusivo de quem quer legislar nas costas do povo.

O Prior – P. Abílio Cardoso



«DIGA-SE O QUE SE DISSER, A VIDA É A COISA MAIS BELA»: CARDEAL TOLENTINO SOBRE A EUTANÁSIA

«O sofrimento humano é uma realidade do percurso pessoal, que pode atingir formas devastadoras, é verdade. Mas o próprio respeito devido ao sofrimento dos outros e ao nosso deve fazer-nos considerar duas coisas: 1) que temos de recorrer aos instrumentos médicos e paliativos ao nosso alcance para minorar a dor; 2) que temos de reconhecer que o sofrimento é vivido de modo diferente quando é acompanhado com amor e agrava-se quando é abandonado à solidão».

Esta é uma das «10 razões civis contra a eutanásia» que o cardeal José Tolentino Mendonça enumera no seu mais recente texto publicado na «Revista» do semanário "Expresso".

O responsável pela Biblioteca e Arquivo do Vaticano frisa que as sociedades «têm de se perguntar se já fizeram tudo o que podiam fazer para promover e amparar a vida, sobretudo daqueles que são mais frágeis».

«A vida dos fracos vale tanto como a dos fortes. A vida dos pobres vale o mesmo que a dos poderosos. A vida dos doentes tem um valor idêntico à vida dos saudáveis. Passar a ideia de que há vidas que, em determinadas situações, podem valer menos do que outras é um princípio que conflitua com os valores universais que nos regem», observa.

A entrada da petição na Assembleia da República, atingidas as 60 mil assinaturas, «suspenderá o processo legislativo em curso, e o Parlamento cumprirá o seu dever democrático de dar tempo ao povo português para que se pronuncie sobre uma iniciativa que viola valores da Constituição».

Perante a «desproteção familiar e social» que muitas pessoas experimentam quando, na iminência da morte, deveriam sentir-se apoiados «pela presença e pelo amor dos seus», a solução «não é avançar para medidas extremas como a eutanásia», mas favorecer «práticas solidárias em vez de deixar correr a indiferença e o descarte».

O primeiro diretor do Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura salienta que «os grandes textos civis e sagrados, médicos e filosóficos que são a matriz» da sociedade e formam a «consciência moral» de quem a habita «recordam-no incessantemente». D. Tolentino Mendonça não duvida da reta consciência das pessoas que, movidas «pelos melhores sentimentos, veem na eutanásia um passo em frente» na civilização, sugerindo-lhes a leitura do conto "A última noite", de James Salter (ed. Porto Editora). O texto é publicado a pouco mais de 10 dias da discussão no Parlamento de propostas de lei do PS, Bloco de Esquerda, PAN, PEV e Iniciativa Liberal.



Ano XVI - Nº 7 - 16 de Fevereiro de 2020

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Para além dos limites da Lei

Há muitas passagens no evangelho de Jesus que, mais que comentadas, merecem ser digeridas no silêncio. É o caso de Mt. 5, 17-35, que a liturgia de hoje nos apresenta. É caso para nos perguntarmos, como certamente se perguntaram os primeiros ouvintes de Jesus: para onde nos levas Tu?

Comentando a Lei do seu povo, sempre referida a Deus, o Pai que O enviou ao mundo, Jesus deixa claro que não basta cumprir a Lei, com que o crente pensa agradar a Deus. Convida-o a ir para além da Lei. Mais ainda, sem desautorizar a Lei que o judeu conhecia, Jesus convida a subir de nível e surpreende quando deixa bem claro que cumprir a Lei sem amor, um amor concretizado na pessoa daquele que nos rodeia, que nos está próximo, não chega. Logo, é preciso subir o nível, passar para além dos limites da Lei que conheciam e, deste modo, entrarem na Lei nova, a do amor, que Ele apresentava. E nem precisou de «cortar» com a Lei antiga. Simplesmente, ela já não servia pois não tinha poder para salvar. Ele é a Lei que salva. Ele é o único salvador. Sempre nos preocupamos, certamente honestos e bem intencionados, em cumprir as nossas obrigações. E tal cumprimento até nos conforta interiormente. O certo é que, diante de Jesus e das suas propostas, as nossas certezas ficam abaladas. Ele não nos «larga», atraindo-nos e «empurrando-nos» para o «mais alto». «Eu, porém, digo-vos» tornou-se a fórmula que se impôs como meta do seguidor de Jesus. Não lhe pode bastar a «justiça» dos escribas e fariseus, orgulhando-se do seu cumprimento escrupulosa da

À ATENÇÃO DAS CONFRARIAS

"Espero que nunca venha a faltar o espírito de serviço e de promoção humana, através da formação religiosa, cultural e política, para que possais dar o vosso contributo para uma sociedade credível e fiável", escreveu D. Rino Fisichella, na carta ao presidente da Confederação das Confrarias das Dioceses de Itália, Francesco Antonetti, reunidas em forum europeu neste fim de semana em Lugano, na Suíça, com o tema 'Despertar as sementes da fé'. E afirma o presidente do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização que as confrarias são "um instrumento" com o qual se pode "ajudar o Evangelho a chegar à [vida] quotidiana, onde a pessoa vive com seus projetos, problemas e trabalhos".

E acrescenta que se trata de "manter vivo e eficaz o anúncio de Cristo" por formas e instrumentos adequados para que, "através de uma nova linguagem, as sementes da fé despertem no coração daqueles que estão afastados".

O encontro europeu é precedido por uma conferência internacional, sobre a figura de São Carlos Borromeo, de 11 a 14 de fevereiro, que "pode ser considerado o grande promotor e impulsionador das confrarias".

No seu sítio online explicam que as confrarias, associações de fiéis leigos, são "escolas populares de fé e forjas de santidade" que na Europa "continuam" a ser "um testemunho cristão da fé vivida, fermento silencioso, mas ativo, da animação cristã", uma expressão de "quase mil anos de religiosidade popular" com 15 mil irmandades, com cerca de sete milhões de membros, em 20 países europeus, que mostram que "pertencem ao futuro da Igreja".



Nem precisou de «cortar» com a Lei antiga. Simplesmente,

Este livro, que se refere às vidas de Eugénio Fonseca, o autor e Presidente da Caritas Portuguesa e a D. Manuel da Silva Martins, que foi bispo de Setúbal e faleceu há pouco mais de dois anos, vai ser apresentado na Biblioteca Municipal na próxima sexta-feira, dia 28, às 21.30 pelo Prior de Barcelos.



que lhe permitiu escrever que «nem os olhos viram, nem os ouvidos escutaram, nem jamais passou pelo pensamento do homem o que Deus tem preparado para aqueles que O amam».

É desta sabedoria, a do Alto, que o sábio Ben-Sirá fala ao apelar à responsabilidade pessoal diante das decisões que compõem a vida do crente. Diante de vários caminhos que se apresentam às escolhas humanas, pertence sempre a cada um fazer a sua escolha. E Deus respeita a nossa liberdade. Uma liberdade de cujo uso sempre teremos de dar contas Àquele que nos criou.

Não valerá a pena investir nesta Sabedoria?

O Prior – P. Abílio Cardoso

SEMPRE EM MISSÃO

125 ANOS – PORTUGAL

FRANCISCANAS MISSIONÁRIAS DE MARIA

O instituto das FMM estão a celebrar no corrente ano os 125 anos da sua presença em Portugal. Regozijamo-nos com as Irmãs e agradecemos a presença entre nós de um Instituto com o carisma Franciscano e Missionário.

Do programa fazem parte uma sessão solene no Auditório da Câmara a 17 de Junho e uma celebração em Arcozelo, presidida pelo Senhor Arcebispo a 11 de Outubro.

**A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
VI DOMINGO DO TEMPO COMUM**

Ditoso o que anda na lei do Senhor

**Segunda, 17 – SS. Sete Fundadores da
Ordem dos Servitas de Nossa Senhora**
Leituras: Tg 1, 1-11
Mc 8, 11-13

Terça, 18 – S. Teotónio
Leituras: Tg 1, 12-18
Mc 8, 14-21

Quarta, 19 – Leituras: Tg 1, 19-27
Mc 8, 22-26

Quinta, 20 – Ss. Francisco e Jacinta Marto
Leituras: Tg 2, 1-6
Mc 8, 27-33

Sexta, 21 – S. Pedro Damiano
Leituras: Tg 2, 14-24. 26
Mc 8, 34-9, 1

Sábado, 22 – Cadeira de São Pedro
Leituras: 1 Pedro 5, 1-4
Mt 16, 13-19

DOMINGO, 23 – VII DO TEMPO COMUM
Leituras: Lev 19, 1-2. 17-18
1 Cor 3, 16-23
Mt 5, 38-48

Intenções das missas a celebrar na Matriz

(Segunda a Sábado: 19.00 / Domingo: 11.00 e 19.00)

Segunda, 17 – Celebração da Palavra**Terça, 18 –** Maria Lopes Ferreira (30º dia)**Quarta, 19 –** Celebração da Palavra**Quinta, 20 – Intenções colectivas:**

- Ernestina Falcão (aniv.) e marido
- Ana da Conceição da Silva Mano (aniv. nascimento)
- Cândido Oliveira da Rocha
- Jorge Martins da Silva Correia
- Manuel Rosa Batista da Costa, esposa e filho
- Mãe de Rosa Lopes
- Joaquim José Ferreira (aniv.) e filho Carlos Manuel

**Sexta, 21 –** Cecília da Conceição Lima Bandeira Santos**Sábado, 22 – Intenções colectivas:**

- Manuel da Costa Saraiva, esposa e filho
- José Miranda da Silva
- Maria Rosalina Lopes Coelho e filhos João Manuel e Domingos
- Maria Fernanda Lopes Martins
- Maria do Carmo Sousa Faria
- Albertino Beirão e esposa
- Alberto de Jesus da Cruz Martins (aniv.), esposa Mariana Azevedo e filhos
- Nelson Paulo Ferreira da Silva (7º dia)

Domingo, 23 – 11.00 – Missa pelo povo
19.00 – Pelos Benfeitores da Paróquia

DO «EU» AO «EIS-ME»

1. O tempo parece, muitas vezes, um encadeamento labiríntico de factos impensados e de palavras (também) não muito pensadas.

Dá a impressão de que as palavras «se liquefazem» tão velozmente como as ocorrências. São ditas – e escritas – «em cima» do que passa, pelo que passam igualmente sem deixar rasto que perdure.

2. O tempo – que, em linguagem zubiriana, se tornou uma «transcorrência» acelerada – carece, pois, de palavras que «o digam» para lá da espuma instantânea dos factos.

O tempo anela por palavras que alcancem a sua medula e o ajudem a penetrar na sua fundura interpretativa.

3. É esta a «leitura» que nos é magnificamente remetida por D. António Couto na sua obra mais recente: «Leitura do tempo em que vamos».

Trata-se de uma afortunada incursão pelo género «ensaio», onde aquilo que se nos atravessa à superfície é tratado com doses penetrantes de profundidade.

4. Como todo o bom autor, D. António Couto começa por se apresentar como atento leitor.

No texto que nos fornece – «daqui, desta planura» –, avulta uma dupla leitura: do tempo e das palavras, em estreita concatenação.

5. A abordagem interdisciplinar – estribada numa vastidão homérica de autores – assegura uma sólida robustez à hermenêutica existencial que nos é oferecida.

Somos, desde logo, advertidos de que vivemos num mundo «assente no senhor "Eu"».

6. É um «senhor» que se presume dono de tudo, mas que

também se vê sozinho no meio de tudo.

Resultado? O planeta está povoado de sete biliões de solidões, de «solidões alérgicas».

7. O «excesso e abcesso de autonomia» não nos deixa sequer tomar consciência da nossa radical «auto-insuficiência».

É aqui que entronca o tema da eutanásia. Por um lado, ela é requerida em nome do «alargamento da autonomia». Só que aqueles que vão perdendo autonomia «são depositados no sótão das inutilidades e dos desperdícios».

8. O encarniçamento da autonomia – sem ponta de abertura a qualquer heteronomia – vai ao ponto de «abdicar de Deus» ou de projectar «um deus à medida e à imagem do homem».

Largamente inspirado em Levinas, D. António Couto evoca a visita de Deus «nas rugas, sinais ou vestígios no rosto do outro».

9. É por tudo isto que se impõe a passagem do «eu» ao «eis-me». Há que desencadear uma «subjectividade nova, não patronal, mas [...] obediente e assente na bondade».

O «eis-me [aqui], para os outros», que sugere uma «justiça nova», é a única realização digna do ser humano.

10. Não insistamos narcisicamente no «eu nominativo». O «outro» é mais do que complemento directo do «eu».

O «outro» é elemento directo de mim.

Longe do «outro», o «eu» pode «rebaratar» de tanto querer «inchar»!

João António Pinheiro Teixeira, In DM 11.02.2020

CMAB CONVIDA A "UM DIA RARO, UM DIA ESPECIAL"

Ainda na sequência do Outubro Missionário Extraordinário, com o lema "Baptizados e Enviados", o Encontro Arquidiocesano do Voluntariado Missionário vai realizar-se num dia "raro e especial": 29 de Fevereiro de 2020.

As palavras são do Centro Missionário Arquidiocesano de Braga (CMAB) e o encontro decorre entre as 9h30 e as 15h30, no Centro Pastoral da Arquidiocese.

Depois do acolhimento e oração, terá lugar pelas 10h00 uma dinâmica de grupo missionária.

A coordenadora do Voluntariado Missionário da FEC, Catarina António, irá partilhar posteriormente "Uma visão sobre o voluntariado missionário em Portugal". Depois do almoço está ainda prevista uma visita guiada à Capela da Imaculada.

As inscrições são gratuitas e podem ser efectuadas até dia 24 de Fevereiro, através do preenchimento de formulário online ou através do e-mail centromissionario@arquidiocese-braga.pt.

RECOLECÇÃO DO CLERO – A próxima recolção espiritual dirigida ao clero vai decorrer na próxima quarta-feira de manhã no Seminário Conciliar em Braga.

ENCONTROS DO CESM – A próxima sessão será na quarta-feira, às 21.00, no Seminário da Silva com o tema: "O Soprano: João". NÃO DEIXE DE PARTICIPAR.

FORMAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS – Na próxima quinta-feira, às 21.00 nas salas de catequese, haverá a catequese de adultos orientada por leigos.

ENCONTRO "SEMEAR ESPERANÇA" – Na próxima sexta-feira, dia 21, às 21h00 haverá mais um encontro "Semear Esperança". O tema a reflectir é: "A cura do corpo e da alma (Mc 2, 1-12); A semente da esperança impossível". Este encontro decorrerá em simultâneo em Gamil, Palme e Pereira.

ADORAÇÃO EUCARÍSTICA – No próximo sábado, das 15.30 às 16.30, haverá adoração eucarística na Igreja do Terço, a cargo dos ex-ministros da comunhão.

SÓCIO-CARITATIVA – Vai reunir no próximo sábado, às 16.30, nas salas de catequese.

ESCUTEIROS – Os escuteiros do Agrupamento 13 da nossa Paróquia têm o seu C'aFé - IIIª secção no próximo sábado, às 18.00 e eucaristia no domingo.

PREPARAÇÃO PARA O CASAMENTO – Estão em curso as inscrições para o CPM,

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

– Família n.º 182 – 20,00

– Família n.º 201 – 100,00

TOTAL DA SEMANA – 120,00 euros

A transportar: 20.748,95 euros

Despesas até agora: 30.705,36 euros

cuja primeira sessão será no sábado, 22 de Fevereiro, às 19.00, no Colégio La Salle. Recomenda-se a todos os noivos: não deixem de aproveitar o que está ao vosso alcance para enriquecerdes o vosso projecto de vida conjugal e familiar. É opinião bem fundamentada de que faz falta preparar o casamento. E os casais que frequentaram o CPM reconhecem o bem que lhes fez. Inscrevam-se quanto antes no Cartório.

**ASSINATURAS
PRÓ-REFERENDO
SOBRE EUTANÁSIA**

Está em curso a recolha de assinaturas, por todo o país, solicitando a realização de um referendo sobre a eutanásia. É a Federação Portuguesa pela Vida que a promove.

A associação **In Família** está organizar a participação numa manifestação em Lisboa, junto do Assembleia da República, no dia 20 de Fevereiro. Há autocarros disponíveis e o custo da deslocação é de 20 euros (vinte euros). Para mais informações contacte a In Família: Tlm: 915 484 579 | e-mail: info@infamilia.org.

Também as associações pró-vida e movimentos eclesiais promovem uma Vigília de Oração pela Vida: quarta-feira, dia 19, com início às 21h na Basílica dos Congregados em Braga.

Colaborem. Mas façamo-lo todos quanto antes. Existem folhas no Cartório. Mas têm de ser enviadas até amanhã. Porque a discussão dos projectos está agendada para o dia 20.

A entrada da petição na Assembleia da República, atingidas as 60 mil assinaturas, «suspenderá o processo legislativo em curso, e o Parlamento cumprirá o seu dever democrático de dar tempo ao povo português para que se pronuncie sobre uma iniciativa que viola valores da Constituição»

**«O CAMINHO DE CRISTO
É A ÚNICA COISA QUE TORNA
POSSÍVEL A NOSSA SOBREVIVÊNCIA»**

Quando a 21 de outubro passado se voltaram a encontrar, o papa Francisco pediu a Scorsese informações sobre o seu novo filme, "The Irishman", e o realizador italo-americano explicou que se trata de uma película sobre o tempo e a mortalidade, a amizade e a traição, o remorso e o arrependimento pelo passado.

Entre os dois começou um diálogo tão simples quanto profundo, que depressa aportou ao nome de Dostoiévski, comum paixão de ambos, que com os seus romances faz de pano de fundo à obra do cineasta de "Os cavaleiros do asfalto" e "Silêncio". É precisamente do grande escritor russo que pretendo partir para retomar aquela conversa, ligando-me a "The Irishman" e ao protagonista, Frank Sheeran (interpretado magistralmente por Robert De Niro), que surge como o único sobrevivente que, por isso, pode e deve falar, o único vivo que manda «notícias de uma casa de mortos». Não por acaso para todos os outros personagens, que fugazmente aparecem em cena, uma referência detém a imagem e indica-nos a data e a maneira, sempre violenta, da morte. Frank está vivo e fala, melhor, confessa-se, olhando fixamente para a câmara, nos olhos do espetador. Este é outro filme profundamente espiritual da carreira de Scorsese. De resto, na longa entrevista dada ao P. Antonio Spadaro, aquando do filme anterior, "Silêncio", o realizador de Nova Iorque revelou ser «obcecado pela espiritualidade», ou seja, pela pergunta sobre o que somos nós, seres humanos. Questão que, segundo ele, obriga cada um de nós olhar-se de frente, próximo, a olhar o bem e o mal que há dentro de nós.

«Esta pergunta envolveu-me durante grande parte da minha vida, e está presente na maior parte dos meus filmes», diz-nos Scorsese, especificando que «em "The Irishman" unem-se ao mesmo tempo quer a observação externa quer a reflexão interior; à medida que o filme avança, o equilíbrio desloca-se do exterior para o interior. A questão é "como se reconcilia o mundo exterior das circunstâncias com o mundo interior da fé?", uma interrogação que me acompanha desde sempre, e que enfrentei de maneira variada nos diferentes momentos da minha existência. Aqui chegado, aos 77 anos, suponho que a reflexão interior se torna prevalente.»

